

A QUESTÃO DOS AFETOS NA FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL: UM ESTUDO PRELIMINAR

THE SUBJECT OF AFFECTIVE EXPERIENCES IN HUSSERL'S PHENOMENOLOGY: A PRELIMINARY STUDY

Tommy Akira Goto¹

Thabata Castelo Branco Telles²

Yuri Amaral de Paula³

Resumo: Em busca de rigor na fundamentação dos estudos sobre processos psicológicos, consideramos a possibilidade de contribuição da Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl (1859-1938) para o estudo dos afetos. O presente estudo tem como objetivo geral apresentar a questão dos afetos, tal como abordada por Edmund Husserl. Quanto ao método, este estudo se caracteriza como investigação teórica e segue as técnicas propostas da pesquisa bibliográfica. Primeiramente, destacam-se os principais aspectos e problemas correspondentes: a Fenomenologia dos sentimentos realizada por Husserl nas “Investigações Lógicas” de 1900-1901, tais como a distinção entre os atos de sentimentos e os sentimentos sensíveis, bem como o papel desempenhado pelas (re)apresentações na fundamentação destas vivências. No segundo momento, foram demarcadas as principais características da Fenomenologia dos estados de ânimo dos Manuscritos M dos anos 1900-1914, destacando seu modo intencional específico, bem como sua função iluminadora do entorno e de abrir horizontes de objetos. Concluímos que a contribuição principal da Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica de Husserl, para o estudo dos processos psicológicos e dos afetos em particular está em sua multiplicidade de descrições rigorosas e reconstituições minuciosas a respeito das vivências.

Palavras-chave: Afetividade; Fenomenologia da Afetividade; Psicologia Fenomenológica.

Abstract: In the pursuit of rigor on the grounding of psychological processes studies, we consider the possibility of both Phenomenology and Phenomenological Psychology of Edmund Husserl (1859-1938) on contributing for the study of affective experiences in general. The present article aims to analyze the issue of affective experiences in general as discussed by Edmund Husserl. As for its method, this study is characterized as theoretical research and follows the technical proposals of the literature research. At first, we highlight the main aspects and problems corresponding phenomenology of feelings held by Husserl in the “Logical Investigations” of 1900-1901, such as the distinction between feelings acts and feelings sensations and the role played by the (re)presentations in the grounding of these experiences was presented. In the second phase, were highlighted the main features of the phenomenology of moods of Manuscripts M of the years 1900-1914, highlighting their specific intentional mode as well as its function of illuminating the surroundings and open horizons of objects. We also presented the proximities and differences between the two moments of the Husserl’s phenomenology of feelings in general. We conclude that Husserl’s Phenomenology and the Phenomenological Psychology primary contribution to the study of psychological processes and feelings in particular is in its multiplicity of rigorous descriptions and detailed reconstructions about the lived experiences.

¹ Doutor em Psicologia pela Pontifícia Católica de Campinas (PUC-Campinas). Professor da Pós-graduação e Graduação de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: tommy@ufu.br

² Mestre em Psicologia (FUNCAP/UNIFOR). Doutoranda em Psicologia (FAPESP/FFCLRP-USP), Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: thabata@gmail.com

³ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Mestrando da Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: yuri.a.p@live.com

Keywords: Affectivity; Phenomenology of Affectivity; Phenomenological Psychology.

1 Introdução

O estudo dos processos psicológicos (sensação, percepção, atenção, memória, pensamento, imaginação, motivação, emoções, sentimentos etc.) remonta sua origem aos filósofos gregos clássicos e ao surgimento da Psicologia, enquanto ciência independente, distinta da filosofia e da fisiologia. Muitas contribuições foram acumuladas desde o considerado momento de surgimento da Psicologia científica até os dias atuais. Historicamente, temos uma grande diversidade de estudos experimentais, voltados a uma grande variedade de processos psicológicos básicos, tais como aqueles realizados por autores consagrados pela tradição como Wilhelm Wundt (1832-1920), Hermann Ebbinghaus (1885-1913), William James (1842-1910), os pesquisadores da Psicologia da Gestalt do início do século XX, entre outros pesquisadores (MATLIN, 2007; MORAES, 2007).

Foi, contudo, a partir do desenvolvimento da Psicologia cognitiva, que esse campo de estudos produziu maior e mais significativo avanço em termos de unidade e aprofundamento das pesquisas científicas em Psicologia (MATLIN, 2007). No que tange ao estudo específico dos afetos (emoções, sentimentos, estados de ânimo etc.), podemos notar, embora uma menor quantidade de estudos do que aqueles voltados aos processos psicológicos, relacionados aos processos cognoscitivos (percepção, pensamento, raciocínio, inteligência etc.), também um campo de estudos clássicos dedicados em Psicologia cognitiva (BASTOS, 1991; KRECH; CRUTCHFIELD, 1980; LIMA, 1982).

Em consonância com o desenvolvimento das pesquisas em Psicologia científica, no referente à busca de rigor na fundamentação dos estudos sobre processos psicológicos, consideramos a possibilidade de contribuição da Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl (1859-1938) para o estudo dos processos psicológicos (ESCUADERO, 2013), incluindo os afetos. Enquanto fundador e principal idealizador da Fenomenologia, Husserl – estudioso e pensador proveniente do campo da matemática e, posteriormente, da filosofia – propõe um contorno metodológico radical na construção de uma disciplina voltada ao esclarecimento dos fundamentos essenciais do conhecimento (GOTO, 2008).

Sobretudo, como seu motivo filosófico original, o projeto fenomenológico de Husserl buscou elevar a filosofia ao estatuto de saber absoluto, orientado segundo uma

base metodologicamente segura, capaz de recuperar as evidências necessárias à constituição de todas as ciências. Buscou, assim, fundar seu domínio a partir do acesso pleno à subjetividade humana, como parte essencial do processo de estabelecimento das bases evidentes de todo conhecer, pois, para Husserl, a subjetividade estaria na base da constituição transcendental do mundo, o qual o conhecimento visa, em última instância, compreender (GOTO, 2008; HUSSERL, 1992; SOKOLOWSKI, 2012).

Em vista disso, Edmund Husserl propôs o retorno elucidativo à consciência enquanto tal, desenvolvido a partir da explicitação de suas estruturas fundantes constituintes. Para isso, caracteriza o método fenomenológico como uma abordagem rigorosa e distinta, que prescindir de todo conhecimento teórico e cientificamente derivado, em prol de um retorno às coisas mesmas, isto é, aos fenômenos vividos tal como estes se mostram a partir de si mesmos à consciência. Dessa forma, com a Fenomenologia Transcendental pretende-se fornecer um método rigoroso de investigação, capaz de recuperar, sem perdas ou danos, as evidências presentes no campo relativo às vivências de consciência (GOTO, 2008).

No percurso de suas investigações fenomenológicas, Husserl apresentou várias críticas e modificações a uma ciência particular, a Psicologia, com a qual a Fenomenologia Transcendental, desde seu surgimento, mantém um relacionamento muito próximo. O principal de sua crítica envolve a consideração de que a Psicologia – que desde seu surgimento, aborda seus objetos de tematização a partir da imitação dos métodos próprios às ciências naturais – não dá conta de esclarecer, com o devido rigor, o domínio da subjetividade. Por isso, para Husserl, os temas da Psicologia (incluídos no estudo da consciência) deveriam ser, antes, considerados desde a Fenomenologia (DEPRAZ, 2011; GOTO, 2008; SOKOLOWSKI, 2012; ZAHAVI, 2003).

Dessa forma, como parte essencial do desenvolvimento da Fenomenologia, enquanto disciplina fundamental, Husserl concebeu como necessária a construção de uma ciência que pudesse realizar, de modo igualmente seguro, o estudo da subjetividade, denominada Psicologia Fenomenológica. Concebida como disciplina paralela e associada à Fenomenologia, esta se constituiria como uma psicologia pura, racional e não experimental, voltada ao estudo da subjetividade, isto é, ao esclarecimento das estruturas originárias da vida subjetiva psíquica (DEPRAZ, 2011; GOTO, 2008; HUSSERL, 1992).

Para isso, seria fundamental desviar de toda construção de caráter especulativo e/ou de toda objetivação acerca do psiquismo humano, bastando-se apenas no que está presente a partir das vivências psíquicas, ou seja, naquilo que se mostra nelas, a partir de

si mesmas. Assim, a partir desse estabelecimento radical, buscaria aquilo que nelas, em suas mudanças e transformações, aparece como absolutamente invariável e permanente. Em outros termos, a Psicologia Fenomenológica estaria voltada à descrição do caráter universal eidético dessas vivências, sendo eidético (*eidōs*) a estrutura permanente e invariável dos diferentes gêneros de vivências, intuitivamente doada à consciência (GOTO, 2008; HUSSERL, 1992; KOCKELMANS, 1987).

À Psicologia Fenomenológica, portanto, cabe estabelecer os conceitos fundamentais e descrever a estrutura *a priori* dos fenômenos psíquicos, lançando luz abrangente ao fundamento que governa qualquer descrição psicológica em geral. Essa reconstituição da essência do psiquismo, desta forma, pode auxiliar a Psicologia científica na aproximação do estatuto de saber rigorosamente científico sobre seus objetos de tematização, beneficiando-a em toda sua extensão (BUYTENDIJK, 1987; GOTO, 2008; KOCKELMANS, 1987).

Desta forma, seguindo o motivo da descrição radical da consciência, Husserl chegou a compreender o papel essencial da intencionalidade. Recuperada e radicalizada a partir da Psicologia descritiva de Brentano, Husserl apresentou a intencionalidade como tema principal de toda sua Fenomenologia e traço básico de suas descrições. Delimitada como “*a priori da correlação universal*”, a intencionalidade implica a impossibilidade de se conceber tanto o mundo, quanto a consciência, enquanto polos separados ou independentes, que só viriam a se relacionar, de algum modo, posteriormente (GOTO, 2008).

Pelo contrário, em função da vinculação da intencionalidade, há, nas vivências, dois polos ligados e indissociáveis (GOTO, 2008, p. 50). Sendo assim, com a intencionalidade, Husserl descreveu que cada ato de nossa consciência está dirigido a algum objeto e essencialmente correlacionado a este. Da mesma forma, cada objeto que nos aparece o faz a partir dos diferentes atos dirigidos a ele, tendo assim uma forma peculiar de serem dados, dependendo do tipo ato com os quais eles se correlacionam (percepção, recordação, imaginação etc.) (SOKOLOWSKI, 2012).

Assim, compreende-se que somente a partir da adequada superação de obstáculos metodológicos é possível realizar as investigações fenomenológicas sobre as vivências. Consideramos com isso que a recuperação das análises e investigações fenomenológicas de Husserl, voltadas à questão dos afetos (ou, precisamente, às vivências da esfera afetiva), pelo possível esclarecimento proporcionado sobre estas vivências, pode resultar

em um empreendimento frutífero de elucidação ao campo de estudos voltado aos processos psicológicos (ESCUADERO, 2013).

Consideramos as seguintes justificativas que corroboram a importância de realização deste estudo: a) A relevância crítica e epistemológica proporcionada por uma Fenomenologia dos afetos à Psicologia, tanto como ciência quanto como profissão; b) Os poucos escritos acadêmicos brasileiros em Psicologia Fenomenológica de origem husserliana (GOTO, 2008); c) A carência de estudos específicos de Psicologia voltados ao esclarecimento dos processos psicológicos básicos fenomenologicamente descritos (GOTO, 2008); d) As possíveis contribuições para o campo de investigação, reflexão e aperfeiçoamento das práticas psicológicas que tenham os afetos como dimensão constitutiva.

O presente estudo tem como objetivo geral apresentar a questão dos afetos, tal como abordada por Edmund Husserl, em algumas de suas obras filosóficas. Como objetivos específicos, entendidos como etapas de concretização deste objetivo geral, consideramos: a) Contextualizar o estudo dos afetos realizados por Edmund Husserl, situando os principais textos a serem abarcados em nosso estudo, delimitando, conseqüentemente, nosso campo investigativo; b) Analisar, a partir das investigações demarcadas, os principais temas, categorias e descrições realizadas por Edmund Husserl sobre os afetos; e c) Delimitar, expositiva e preliminarmente, os principais problemas e aspectos tratados nestas investigações, destacando possíveis relações existentes entre eles.

2 Método

Este estudo se caracteriza enquanto investigação teórica, considerando as categorias apresentadas por Embree (2011), para diferenciar os tipos de investigação fenomenológica. Segundo o autor, a investigação teórica busca diretamente nos textos de Fenomenologia o caminho para apresentar os diferentes aspectos e momentos de análise do fenômeno estudado. Sendo assim, a primazia do texto e sua análise correspondente caracteriza a dimensão teórica do nosso estudo, pois buscamos diretamente nos textos nossa via de analisar e expor a questão dos afetos, tal como foi trabalhada por Edmund Husserl em suas análises.

Em contraste com a investigação teórica, apresenta o autor outro tipo de investigação em Fenomenologia denominada como reflexiva. Para Embree (2011), a

investigação reflexiva se diferencia da teórica por fazer mais do que o estudo “erudito” dos textos fenomenológicos, procurando ir além deles em busca de conhecer os próprios fenômenos investigados.

A reconstituição das análises sobre a questão dos afetos na obra de Husserl, a ser realizada em nosso trabalho, pretende seguir a ideia de leitura de segunda mão apresentada pelo antropólogo Geertz (2008). Em vez de tentar estabelecer de maneira exata e conclusiva as ideias presentes nos textos, buscamos interpretá-las, segundo a forma como foram construídas e postuladas. Pois, em acordo com a intuição metodológica fornecida por esse autor e apresentada por Goto (2007), cabe somente a Husserl, legítimo autor das ideias apresentadas, a interpretação de primeira mão dos seus textos.

Com isso, também, a nossa proposta compreende a impossibilidade de encerramento definitivo do assunto estudado. Ao invés, buscamos nos aproximar dos sentidos possíveis que poderão surgir no desenvolvimento dessa pesquisa, deixando aparecer em nossa leitura a ficção, isto é, não um entendimento do conteúdo dos textos enquanto falsos, menos verdadeiros ou factuais, mas, como esclarece Goto (2008), que instrumentaliza esta ideia de Geertz (2008), buscando apurar como foram construídos, no sentido do trabalho de “modelagem” realizado pelo autor. Assim, “significa que vamos expor o pensamento que construímos a partir do pensamento do autor e da obra estudada” (GOTO, 2007, p. 28).

Quanto a sua estrutura de nosso percurso metodológico, este se define como uma pesquisa bibliográfica, tal como definida por Lima e Miotto (2007). O motivo principal desta escolha se deve a sua pertinência com relação ao nosso tipo de estudo, pois este se caracteriza essencialmente pela aproximação do objeto de estudo a partir de fontes bibliográficas selecionadas. Entre suas vantagens, os autores consideram que: “a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o estudo proposto” (LIMA; MIOTTO, 2007, p. 40).

Lima e Miotto (2007), baseadas em Salvador (1986), descrevem etapas relevantes no desenvolvimento da pesquisa bibliográfica. Os autores destacam, desde o momento de escolha do assunto e, conseqüentemente, da definição do problema de pesquisa, a necessidade de se buscar respostas às questões formuladas. Para isso, distribuiu-se, sucessivamente, um conjunto de fases que incluíram desde a coleta de dados por

levantamento da bibliografia e das informações contidas nesta, seguida do exame do conteúdo das afirmações, de acordo com a capacidade crítica do pesquisador para justificar e explicar as informações contidas no material considerado pertinente; até chegar à fase que constituiu o produto final do processo de investigação, chamada de síntese integradora, resultante da análise e reflexão rigorosa sobre os documentos, a fim de propor soluções ao problema definido pelos objetivos.

Foi, portanto, a partir da realização da sequência de etapas da pesquisa bibliográfica e da instrumentalização da técnica de leituras sistemáticas, que chegamos à delimitação dos textos e obras abordados em nossa pesquisa. Definimos como parâmetro linguístico, os idiomas: português, espanhol e inglês. Não delimitamos parâmetro cronológico das obras recuperadas, por estarmos tratando de obras do início do século XX. Dentre as principais fontes consultadas, consideramos a utilização de quaisquer textos capazes de nos auxiliar diretamente em nossos objetivos, sejam eles da autoria própria de Edmund Husserl ou de comentadores desta área específica de investigação, sendo: livros, periódicos, dissertações, teses, coletânea de textos, ensaios etc.

Em primeiro lugar, desenvolvemos a exposição e análise a respeito da Fenomenologia dos sentimentos (*Gefühle*) de Husserl realizada em sua obra *Investigações Lógicas* de 1900-1901, especificamente no §15 de sua Quinta investigação. Sequencialmente, apresentamos as ideias e conclusões de artigos de periódicos escritos por outros autores comentadores e intérpretes da obra de Husserl – Depraz (2012), Lee (1998), Quepons (2013) e Schutz (2006) – correspondente aos escritos inéditos dos *Manuscritos M* dos anos 1900-1914, no que se referem aos estados de ânimo (*Stimmungen*). Os mesmos autores também foram utilizados para embasar nossa discussão a respeito da Fenomenologia dos sentimentos, proposta na quinta investigação lógica, bem como para denotar a relação existente entre esses diferentes momentos da análise de Husserl sobre as vivências da esfera afetiva.

3 A Fenomenologia dos sentimentos nas *Investigações Lógicas* de Edmund Husserl: a distinção entre atos de sentimento e sentimentos sensíveis

O esboço de uma Fenomenologia dos sentimentos aparece pela primeira vez no §15 da quinta investigação. Nesse parágrafo, Husserl (2012) apresenta uma dificuldade relacionada à unidade genérica das vivências intencionais, especificamente no que diz respeito à esfera dos sentimentos (*Gefühle*). Em outros termos, essa unidade genérica das

vivências corresponderia a uma garantia da delimitação de que todas as vivências poderiam ser caracterizadas a partir de uma intenção ou relação intencional (variações terminológicas correspondentes à noção de intencionalidade). Sendo assim, Husserl questiona se é possível admitir que os fenômenos psíquicos (tomados enquanto domínio da Psicologia) estariam todos dirigidos a objetos.

Nesse sentido, os fenômenos da esfera do sentimento poderiam ser tidos como um contraexemplo da unidade genérica das vivências que remete ao traço essencial da intencionalidade, pois, segundo Husserl (2012, p. 333), em relação aos sentimentos, ficaria uma dupla dúvida:

[...] ou se duvidava que estes fossem atos de sentimento, isto é, se a relação intencional se lhes acoplava simplesmente de um modo impróprio e se não pertencia antes, direta e propriamente, às representações que lhe são inerentes; ou se duvidava da essencialidade do caráter intencional apenas para a classe dos sentimentos, na medida em que a uns se atribuía este caráter e a outros se negava.

Partindo dessa dupla dúvida, Husserl (2012) inicia sua investigação se a respeito das vivências do gênero dos sentimentos convém por essência descrever uma relação intencional intrínseca e, em seguida, questiona se esta relação poderia faltar a outras vivências desse mesmo gênero. Considera inicialmente ser indiscutível que em muitas vivências de sentimento efetivamente se convém notar um tipo de relação intencional. Em casos como o contentamento ou descontentamento, agrado ou desagrado, do sentir atração ou repúdio etc. fica claro que há algo em relação a qual estas vivências se referem. Sendo assim, estas vivências seriam bem caracterizadas enquanto atos (em acordo com a sua nomenclatura da Fenomenologia, no sentido de serem vivências com uma relação intencional estabelecida).

Contudo, para o referido autor, ainda resta um questionamento importante acerca da intencionalidade dos sentimentos no que se refere à origem dessa relação intencional. Em acordo com a concepção de Brentano, Husserl (2012) defende que a intencionalidade dos sentimentos deve ser compreendida a partir do entretecimento ou enlace estabelecido dos sentimentos com as representações, sendo estas últimas originalmente dotadas de uma referência intencional.

Cabe notar, de acordo com Schutz (2006), que por representação designa-se precisamente o caráter de ato responsável por “presentar” algo (apresentar, tornar presente). Em outros termos, cabe à representação efetuar essencialmente a função de apresentar algo, de trazer à presença determinado objeto. Por esta razão, algumas

traduções optam, ao invés, pelo termo “apresentação”, por possuir uma relação mais direta com este significado.

Por meio de uma unidade estabelecida, as representações proporcionariam aos sentimentos um direcionamento até algo objetivo. Seria, portanto, graças a esta conexão com as representações que os sentimentos obteriam uma relação intencional como determinação possível, embora de modo impróprio, pois se compreende que em si mesmas as vivências de sentimento não reenviariam para além de si próprias em direção a um objeto sentido. Deste modo, Husserl (2012) descreve uma fundamentação onde duas intenções se encontram edificadas uma sobre a outra: uma delas, a fundante, forneceria o objeto representado (a representação) e a fundada, o objeto sentido (sentimento). Conseqüentemente, ficaria estabelecido um tipo de hierarquia de dependência entre as duas intenções copresentes: a primeira é separável da última, mas não o inverso.

Com isso, Husserl (2012) rejeita a interpretação alternativa de que haveria apenas uma intenção, colocando-se a favor daquela apresentada por Brentano, pois esta para ele estaria em acordo com aquilo que se mostra a nossa intuição. Exemplifica: no agrado ou desagrado, não temos simplesmente uma representação de algo presente que se somaria com o sentimento, acima dela, de modo associativo simplesmente. Pelo contrário, o agrado ou desagrado se dirigem anteriormente para o objeto representado, de modo que sem estarem dirigidos a ele, sequer poderiam existir de todo enquanto vivências. Conclui, assim, que “*a essência específica do agrado exige a relação com algo agradável*” (p. 335, grifo do autor), confirmando a explícita semelhança desses sentimentos com toda uma série de vivências com caráter intencional bem demarcado, sendo assim atos em sentido próprio. É o caso do assentimento ou aprovação, convicção, desejo etc., isto é, vivências que exigem correlato intencional próprio, que seriam intenções ou atos autênticos.

Mesmo admitindo uma dependência dos sentimentos em relação às representações que lhe conferem uma relação intencional, Husserl (2012) explicita que os sentimentos passam a ter justamente uma referência direta em relação aos objetos intencionais, e não de modo secundário, posterior ou simplesmente associado. Assim, enquanto atos fundados (sentimentos) sobre atos fundantes (representações), que lhe conferem um objeto, o agrado ou desagrado (como exemplos de atos de sentimento) passam a ter justamente eles mesmos uma relação intencional com o objeto originário da representação, embora devam isso ao fato de que estão entretidos com esta.

Em seguida, Husserl (2012) esclarece que a relação entre o ato fundante e o ato fundado não é de nenhum modo corretamente compreendida como algo que pudesse ser

provocado de uma intenção à outra, ou, em outros termos, não estabelecem uma relação de tipo causal entre si. Denota que a relação intencional, no caso específico dos sentimentos e em geral, não pode ser tomada no sentido de uma relação causal entre elementos externos entre si. Tal relação implicaria algo como a possibilidade de se pensar cada componente da relação (causa e efeito) como separáveis e capazes de existir por si mesmos e ainda de agir (ser eficiente) de modo real sobre o outro. Neste sentido, trata-se de uma “conexão necessária, substancial e causal, de ordem empírica” (p. 336), o que não vem ao caso na descrição de uma relação intencional; pois um objeto intencional não pode ser concebido como “algo que seja efetivamente fora de mim e que determine realmente a minha vida anímica, de um modo psicofísico” (p. 336).

Husserl (2012) delimita o caráter eficiente que possui o objeto intencional em suscitar vivências da esfera afetiva segundo um modo totalmente distinto que não diz respeito ao domínio da causalidade empírica, isto é, não relativo à realidade física e seus efeitos:

Um combate de centauros, que me represento em imagem ou na fantasia, suscita o meu prazer tanto quanto uma bela paisagem da realidade, e, se apreendo também esta última como causa psicofísica real do estado anímico de prazer provocado em mim, esta “causação” é totalmente diferente do seu modo de aparição, ou das cores e formas do meu prazer. O ser-aprazível, correspondentemente, e o sentir prazer pertencem a esta paisagem não como realidade física ou como efeito físico, mas, na consciência de ato aqui em questão, eles pertencem à paisagem enquanto ela *aparece de tal e tal maneira*, eventualmente, enquanto ela é de tal ou tal maneira ajuizada, enquanto ela faz recordar isto ou aquilo: nessa qualidade, ela “reclama” ou “desperta” tais sentimentos (HUSSERL, 2012, p. 336, grifo do autor).

Corresponde a isso a crítica de Husserl, desde o ponto de vista de sua Psicologia Fenomenológica, de que não podemos considerar as vivências da esfera afetiva ou em geral de modo radical, se nos referimos a elas a partir de concepções naturalistas, derivadas do campo das ciências naturais. Ao contrário destas ciências que versam sobre a realidade física, efetiva, Husserl propõe outro modo de consideração sobre o anímico a partir de sua esfera própria e não a partir do paralelo com esta realidade física e seus efeitos psicofísicos (GOTO, 2008).

Nesse sentido, só podemos falar de modo seguro e evidente a respeito dos sentimentos se tomarmos eles a partir do e no seu próprio campo de manifestação, isto é, enquanto fenômenos manifestos à consciência por meios de seus próprios atos. Como consequência, temos a descrição de que determinados acontecimentos podem suscitar em nós determinadas vivências de sentimento. Com estas palavras – suscitar, despertar, reclamar –, entretanto, Husserl (2012) designa um modo de afetar totalmente outro

daquele correspondente ao tipo causal presente em relação aos fenômenos físicos, de modo que as sensações entrelaçadas aos nossos sentimentos pertencem, antes, aos próprios acontecimentos suscitadores que nos aparecem: não são causadas, psicofisicamente, por eles.

Na sequência, Husserl (2012) passa a considerar se há sentimentos que podem ser considerados não intencionais, isto é, caracterizados por um modo radicalmente outro que aquele dos atos, por não possuir quaisquer caracteres intencionais. Desse modo, apresenta pela primeira vez a distinção existente entre os “atos de sentimento”, até aqui considerados, e os “sentimentos sensíveis” (*Gefühlempfindungen*). Nesse momento, portanto, passamos a considerar aquilo a que Husserl se refere quando menciona os sentimentos como possível contraexemplo à unidade genérica (essencial) da intencionalidade das vivências; pois, ao adentrar a descrição dos “sentimentos sensíveis” (ou “sensações afetivas” ou “sensações de sentimento”, termos usados pelo autor para indicar o mesmo conjunto de vivências), passamos a considerar a existência de vivências que não guardam em si nenhuma referência intencional específica.

Para ilustrar os “sentimentos sensíveis”, Husserl (2012, p. 336-337) oferece o exemplo da dor sensível de uma queimadura: esta não pode ser posta no mesmo plano que dos atos intencionais, ao invés, deve ser compreendida como fazendo parte do mesmo plano que os conteúdos sensíveis enquanto exibidores das características de determinado objeto, assim como as cores, as texturas, os cheiros ou os sabores etc. Desse modo, “os sentimentos sensíveis estão fundidos com as sensações, pertencentes a este ou àquele campo sensível, de uma maneira inteiramente análoga ao modo como estas sensações estão fundidas entre si”.

O autor concorda, de certo modo, com a ideia de que os sentimentos sensíveis estão referidos a algo objetivo. Por exemplo, no caso da dor de se queimar ou estar queimado, temos presente tal referência, “de um lado, ao eu, mais precisamente, ao membro corporal queimado, do outro lado, ao objeto cadente”. Contudo, isso mostra mais uma vez a uniformidade entre os sentimentos sensíveis com as outras sensações. Do mesmo modo, falamos, por exemplo, das sensações táteis como referidas simultaneamente “ao membro do corpo que tateia e ao corpo exterior que é tocado”. Assim, “por mais que esta relação se consume em vivências intencionais, ninguém pensará, por causa disso, em designar as próprias sensações como sendo vivências [intencionais]” (HUSSERL, 2012, p. 337).

Com isso, permanece estabelecida a diferença radical existente entre as vivências in-intencionais e as vivências não intencionais (ou sensações ou conteúdos sensíveis). A distinção proposta por Husserl (2012) é a de que as sensações em si mesmas não são as vivências intencionais, mas funcionam como “conteúdos apresentantes” que possibilitam a constituição das vivências intencionais ou atos. As vivências não intencionais seriam, portanto, apreendidas ou interpretadas por determinado ato (objetivante) que se apoderaria delas, “conferindo-lhes, por assim dizer, uma animação”. As sensações deste modo seriam “como suportes para uma apreensão empírica, objetiva” (p.337). Sobre isso, apresentamos algo que Husserl (2012, p. 321, grifo do autor) havia estabelecido na mesma investigação sobre esse estrato de sensações antes mesmo de adentrar sua tematização a respeito dos sentimentos:

[...] os *conteúdos verdadeiramente imanentes*, que pertencem à consistência real das vivências intencionais, são *não intencionais*: eles edificam o ato, possibilitam a intenção, enquanto pontos de referência necessários, mas eles próprios não são intencionados, não são os objetos que são representados nos atos. Não vejo sensações de cor, mas, sim, coisas coloridas; não ouço sensações de som, mas antes a canção da cantora etc.

Cabe destacar que a distinção proposta entre vivências intencionais e não intencionais, na nomenclatura de *Investigações Lógicas*, irá posteriormente, com a publicação do primeiro tomo de sua obra *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, ser tratado por um novo conceito: *hyle* (Husserl, 2006). A partir dele, Husserl irá realizar uma crítica e correção do conceito de sensação em toda sua extensão no que diz respeito ao papel dos conteúdos sensíveis ou dados materiais na constituição das vivências intencionais, inaugurando uma nova via descritiva possível com implicações para realização de sua analítica intencional (RABANAQUE, 2003).

Temos assim a demarcação da diferença descritiva essencial entre “atos de sentimento” e “sentimentos sensíveis”, em que os primeiros, enquanto atos, guardam a possibilidade de portar uma referência intencional, enquanto os últimos, como as sensações, seriam responsáveis por oferecem o suporte necessário à constituição desses atos. Assim, ao invés de manter esta distinção como simplesmente problemática, Husserl (2012, p. 338) propõe que “essa distinção deveria ser bem mantida diante dos olhos e ser tornada frutífera na análise de todas as complexões de sensações e de atos de sentimento”. Dessa forma, em alusão ao contentamento (ou alegria) diante de um acontecimento feliz, nos diz:

[...] é seguramente um ato. Mas este ato, que não é um simples caráter intencional, mas antes uma vivência concreta e *eo ipso* complexa, encerra na sua unidade não apenas a representação do acontecimento feliz e o caráter de

ato, a ele referido, do agrado, mas à representação liga-se ainda uma sensação de prazer que, por um lado, é apreendida e localizada como excitação sentimental do sujeito psicofísico que sente e, por outro lado, como propriedade objetiva: o acontecimento aparece como que aureolado por uma tonalidade cor-de-rosa. O acontecimento enquanto tal, deste modo tingido com as cores do prazer, é, agora, o fundamento para a atitude jubilosa, para o agrado, para a satisfação, ou como quer que se queira chamar. Do mesmo modo, um acontecimento triste não é simplesmente representado de acordo com o seu teor e o seu contexto coisais [objetivos], de acordo com o que lhe pertence em si e por si, enquanto acontecimento, mas ele aparece antes revestido com as cores da tristeza. As mesmas sensações de desprazer, que o eu empírico refere e localiza em si (a dor que “parte do coração”), são, na apreensão sentimentalmente determinada do acontecimento, referidas ao próprio acontecimento (HUSSERL, 2012, p. 338).

Com esse exemplo, podemos visualizar a riqueza descritiva promovida pela distinção minuciosa que Husserl propôs ao longo de toda sua investigação sobre os sentimentos. Se bem compreendida, consideramos que esta distinção pode beneficiar diretamente a compreensão da Psicologia a respeito das vivências afetivas, pois explicita vários aspectos implicados em sua manifestação (GOTO, 2008). Também vale antecipar que esse exemplo guarda uma série de intuições no que diz respeito às considerações de Husserl acerca das *Stimmungen* ou estados de ânimo (QUEPONS, 2013; SCHUTZ, 2006).

Destacamos nesta passagem a duplicidade efetuada pela apreensão objetiva da sensação de prazer que confere a ela uma dupla localização. Concreta e complexamente intrincados aos atos de sentimento, podemos perceber que os sentimentos sensíveis, como o prazer e a dor, correspondem em seu funcionamento com aquilo que foi descrito acerca de outras vivências não intencionais, como as sensações táteis, gustativas etc., por exemplo: manifestam-se em uma dupla referência, por um lado, ao sujeito psicofísico sensível (que sente as sensações) e, por outro lado, ao objeto que as suscita. Isto se dá por meio de atos de apercepção objetiva, que se apoderam dos sentimentos sensíveis, “animando-os”, conferindo-lhes certa referência objetiva, embora duplamente localizada e imprecisa.

Na interpretação de Schutz (2006), a partir dessa capacidade própria das intenções afetivas de revestir, tingir ou mesmo aureolar os acontecimentos, Husserl estaria demonstrando quão fundamentalmente entrelaçadas são as vivências da esfera afetiva com aquelas da representativa. Em outros termos, alude à imbricação entre elas, sua justaposição, efetuada pela unificação entre ato de sentimento e seu conteúdo sensível (correspondente ao sentimento sensível) e esses, por sua vez, com o respectivo ato de representação que lhes conferem um objeto intencional. Assim, como resultado da

fundamentação entre essas vivências distintas, as propriedades sensíveis dos sentimentos acabariam por se apresentar no objeto intencionado, compenetrando-o com sua tonalidade afetiva própria.

Husserl (2012, p. 339) demarca também a possibilidade que tem os “sentimentos sensíveis” de perdurar após os objetos intencionais que as despertaram terem deixado de aparecer num primeiro plano, isto é, de permanecer vigentes quando não resta mais nenhuma referência intencional objetiva explícita a qual o ato de sentimento correspondente estaria dirigido. Denota com isso algo que chama de “um modo de intenção completamente novo”. Descreve:

As sensações de prazer ou de dor podem perdurar, se bem que tenham sido suprimidos os caracteres de ato sobre elas edificados. Quando os fatos suscitadores de prazer passaram para segundo plano, quando já não são apercebidos com sua coloração sentimental, quando talvez já nem sejam, de todo, objetos intencionais, a excitação do prazer pode perdurar ainda por muito tempo, pode eventualmente ser agora ela própria sentida como agradável; em vez de funcionar como representante de uma propriedade agradável do objeto, ela é, agora, referida simplesmente ao sujeito que sente, ou torna-se, ela própria, um objeto representado e agradável.

Deste modo, a descrição de Husserl (2012) se refere à possibilidade de um sentimento sensível em manter sua vigência como duração independente de presença mesma dos objetos intencionais suscitadores. Com isso, ocorre uma mudança no modo de aparição dessa excitação sentimental, caracterizada enquanto sensação prazerosa. Assim que o objeto intencional não se encontra mais presente, essa sensação pode passar a ser sentida ela mesma como referida ao sujeito que a sente ou mesmo tornar-se ela própria aparente a partir de sua determinação qualitativa específica (prazer, desprazer etc.). Sendo assim, um ato de sentimento poderia derivar em mera sensação afetiva.

Nesse ponto, aparecem algumas discordâncias entre os comentadores que derivam determinadas implicações a partir da passagem supracitada. Trata-se do posicionamento em relação à primazia dos conteúdos sensíveis (sensações) e dos atos objetivantes (ou apreensão objetiva) na fundamentação das vivências. Para Lee (1998), é possível concluir dessa passagem que as sensações possuem um nível de fundamentação mais radical e inclusive são capazes de se manifestas independentemente dos atos de modo que poderiam existir sem eles. Contudo, isso caminha em direção oposta ao que vimos a respeito da hierarquia da fundamentação dos atos de sentimento sobre atos de representação.

Corresponde a isso, também, a menção de Depraz (2012) a respeito de uma característica notável da Fenomenologia estática, a qual os escritos em *Investigações*

Lógicas correspondem. Segundo a autora, a Fenomenologia estática se baseia na fundamentação da dimensão não objetivante sobre a objetivante. Com relação a isso, prossegue: somente em textos posteriores de Husserl acerca da *Stimmung* se começará a relativizar essa primazia. Além disso, segundo Schutz (2006), não podemos supor, a partir do texto de Husserl, algo como o que é apontado por Lee (1998), a respeito da independência dos conteúdos sensíveis (não intencionais) dos atos objetivantes. Entende-se que as sensações podem, após os objetos intencionais terem deixado o campo da consciência, ainda perdurar por longo tempo.

Desse modo, podem vigorar a despeito da referência a algo objetivo possibilitada pelos atos. Porém, apenas posteriormente a este primeiro entrelaçamento com o ato, que, por sua vez, tendo deixado o campo da consciência para um segundo plano, as sensações podem chegar a aparecer de maneira autônoma e serem captadas pelo sujeito que sente. Neste sentido, trata-se de uma relação cronologicamente posterior: primeiro estariam entrelaçadas com os atos edificados sobre elas para depois poder perdurar a despeito deles.

Não obstante, em relação à primazia entre os distintos momentos de fundamentação (conteúdos sensíveis e apreensão dos atos), Schutz (2006) propõe a necessidade de considerar o mútuo apoio entre eles na constituição concreta das vivências. Nesse sentido, o autor descreve, em seus próprios termos, uma fundamentação bilateral, pois os atos objetivantes, que se supõe à base de todas as vivências, também não poderiam existir sem as sensações. Pois, mais uma vez, estas são consideradas como consistência real e necessária, um apoio sem o qual não poderia haver vivências intencionais.

4 A Fenomenologia husserliana dos estados de ânimo

Algumas considerações de Husserl a respeito dos estados de ânimo (*Stimmungen*) se encontram especificamente em seus escritos inéditos, não traduzidos, nomeados *Manuscritos M*, dos anos 1900-1914, pertencentes ao projeto *Estudos sobre a estrutura da consciência (Studien zur Struktur des Bewusstseins)*. Em acordo com esses escritos inéditos de Husserl, Lee (1998) começa por apresentar os principais traços caracterizadores da transição realizada por Husserl de uma Fenomenologia dos sentimentos (*Gefühle*) a uma dos estados de ânimo (*Stimmungen*). Inicialmente, apresenta que os estados de ânimo seriam uma unidade de sentimentos fundidos entre si, que, dessa

maneira, podem formar um horizonte sobre o qual é possível determinar o caráter dos sentimentos individuais que se mostram no fluxo (ou corrente) da consciência. Considera também um aspecto muito importante a respeito da intencionalidade presente nos estados de ânimo: enquanto um “pano de fundo difuso” (*unclear background*) para os sentimentos, eles não tem, como é o caso dos sentimentos, uma relação intencional explícita com algo objetivo. Dessa maneira, os estados de ânimo diferem essencialmente com relação aos sentimentos, pois esses, como vimos, possuem tal relação.

Contudo, para Lee (1998), Quepons (2013) e Schutz (2006), isso não implica que os estados de ânimo careçam em absoluto de uma relação intencional. Mas, antes, trata-se de uma relação que se dá de modo indireto e que se faz, num primeiro momento, com um horizonte (noção que corresponde à compreensão tardia de Husserl a respeito dos modos de intencionalidade) de objetos. Podemos perceber com isso uma mudança radical no sentido específico denotado pela noção de intencionalidade até aqui apresentada: não se trata de uma relação intencional com um objeto específico, ou seja, como diria Schutz (2006), de uma relação intencional no sentido vertical. A intencionalidade referente aos estados de ânimo, diferentemente da relação intencional vertical que liga os atos com algum objeto específico, seria antes de tipo horizontal, de sorte que a sua relação se dá de um modo indireto com os objetos que aparecem nesse horizonte (LEE, 1998). É neste sentido que se fala que a intencionalidade dos estados de ânimo é implícita, obscura ou difusa (QUEPONS, 2013).

Como um pano de fundo que se relaciona indiretamente com os objetos que aparecem em seu horizonte, aos estados de ânimo corresponderiam uma nova relação no que diz respeito à fundamentação das vivências. Vimos que os “sentimentos sensíveis” não possuem nenhum tipo de relação intencional explícita. No entanto, para Lee (1998), isso não implica que eles não tenham nenhum tipo de intencionalidade. A respeito disso, dirá que os sentimentos sensíveis ganham, a partir da intencionalidade dos estados de ânimo, uma intencionalidade própria. Dessa maneira, não apenas os atos, mas também os estados de ânimo forneceriam uma intencionalidade (difusa) para os sentimentos sensíveis que serviriam como ingredientes da manifestação dos estados de ânimo. Sendo assim, a primazia da fundamentação dos atos ficaria relativizada, pois os estados de ânimo, enquanto atos não objetivantes, também poderiam oferecer aos sentimentos sensíveis uma intencionalidade própria (SCHUTZ, 2006).

Continuando, Lee (1998) apresenta que os estados de ânimo não podem ser tomados como meros estados psíquicos do sujeito, que não tem nada a ver com a

constituição do mundo e dos objetos nele. Ao invés disso, aponta que estes desempenham um importante papel na constituição transcendental e, dessa maneira, eles também estariam ligados à forma como acessamos os objetos individuais por meio de sua função de abrir várias formas de horizonte, e, primariamente, de abrir o mundo enquanto horizonte universal que incorporaria todos os outros horizontes.

Por esse importante papel desempenhado na constituição transcendental de mundo e por sua capacidade, por assim dizer, “projetiva”, ou melhor, “irradiativa” (para não confundir com o uso conceitual que o termo “projeção” carrega em Psicologia, embora uma compreensão minuciosa deste fenômeno psicológico possa ser aludida também a partir dos processos envolvidos na constituição intencional dos objetos indicados nas análises fenomenológicas de Husserl) de fornecer determinadas tonalidades com as quais os objetos intencionais individuais aparecem em sintonia com um matiz afetiva promovida pelos estados de ânimo, Husserl os compara com a luz (SCHUTZ, 2006).

Assim, fica mais nítido que as metáforas de iluminação e de coloração utilizadas por Husserl em sua Fenomenologia dos sentimentos, que indicariam a imbricação relativa às intenções afetivas com as representativas, no âmbito da Fenomenologia dos estados de ânimo ganham um novo e mais amplo sentido: não operam simplesmente mais sobre um acontecimento específico intencionalmente ligado ao sentimento, senão que, a partir dessa função projetiva/irradiativa presente nos estados de ânimo, banha, como a luz e todas as colorações abertas a partir dela, o mundo todo (SCHUTZ, 2006; QUEPONS, 2013).

Denotamos assim, segundo Depraz (2012), uma capacidade dos estados de ânimo, enquanto mescla de variados sentimentos presentes no fluxo da consciência, constituídos como pano de fundo difuso de tais sentimentos: a de fornecer a cada vivência uma cor unificante com a qual essa aparece, a partir de um brilho ou coloração fundida a esse pano de fundo. Com isso, também, podemos entender o que a autora chama de “aspecto atmosférico”, “sentimento global de ambiente” e “estatuto de difusividade, de suave impregnação” (DEPRAZ, 2012, p. 53, tradução nossa) dos estados de ânimo, correlatos a esse sentido de iluminação do mundo circundante.

Ainda, Quepons (2013) apresenta sinteticamente a respeito dos estados de ânimo: seriam tonalidades afetivas duradouras que contribuem na formação de uma determinação quase sensível do nosso mundo circundante. Dessa forma, uma conjunção de acontecimentos suscitadores de sentimentos podem nos colocar em determinado estado de ânimo duradouro, isto é, capaz de subsistir como tonalidade afetiva dominante apesar

desses mesmos acontecimentos suscitadores não estarem mais intencionalmente manifestos. Ou, ainda, podem perdurar como vivência afetiva tendo os respectivos acontecimentos suscitadores manifestos de um modo potencial e/ou implícito.

Além disso, segundo o autor, os estados de ânimo podem receber novas incitações que acrescentariam ou diminuiriam sua dominância relativa e/ou modificar sua intensidade e qualidade característica. Como exemplo disso, cita o caso de alegria como sentimento que já não tem mais presente o objeto de suscitação de modo que se converte em um estado de ânimo, isto é, em um tom afetivo duradouro que atinge o mundo ao entorno com sua iluminação afetiva própria (QUEPONS, 2013).

Ressaltamos, por fim, alguns traços fenomenológicos essenciais dos estados de ânimo (sua duração e luminosidade características), enquanto aspectos antecipados nas análises de Husserl sobre os sentimentos. Em semelhança aos sentimentos sensíveis, tais como abordados na quinta investigação por Husserl, os estados de ânimo podem perdurar, ainda que o objeto da intenção afetiva não esteja mais presente, mostrando de modo não temático a sua qualidade sensível a partir do horizonte que constitui seu modo intencional (QUEPONS, 2013).

Assim, enquanto duram, eles matizam o mundo e os acontecimentos nele situados, podendo receber impulso de novos acontecimentos suscitadores de sentimentos capazes de modificar a intensidade e/ou a qualidade de seu tom afetivo predominante. Sua tonalidade, portanto, pode tanto modificar os acontecimentos apresentados no fluxo da consciência quanto ser modificada por eles. Com isso, podemos concluir que os estados de ânimo se encontram profundamente implicados no modo como acessamos os objetos (ou horizontes destes) bem como estes, na medida em que nos afetam, modificam a nossa maneira de estarmos voltados a eles: nesta correlação, estamos todos nós, sempre (QUEPONS, 2013; LEE, 1998).

5 Considerações finais

Podemos notar que a riqueza descritiva que atravessa as análises de Husserl está cheia de ressonâncias relevantes para a consideração da esfera subjetiva em sua ligação intencional com o mundo. Notadamente, o que há de mais relevante nas questões apontadas por Husserl em suas investigações se relaciona ao próprio parâmetro expositivo por ele utilizado. Porque com a multiplicidade de suas descrições rigorosas e reconstituições minuciosas a respeito das vivências da esfera afetiva foi possível elucidar

alguns de seus aspectos essenciais. Temos com isso uma possível contribuição da Fenomenologia e da Psicologia Fenomenológica para a Psicologia científica em sua tematização acerca dos afetos e processos psicológicos em geral.

Além disso, destacamos possíveis implicações que a Fenomenologia dos sentimentos e estados de ânimo de Husserl traz para campos de estudos de outros fenômenos e processos psicológicos como, por exemplo, percepção, julgamentos, raciocínio etc., entre outros atos dóxicos ou cognitivos. Por sua capacidade de determinar qualidades nos objetos e em nosso entorno (consequentemente, nosso modo de acesso a eles), nota-se a inexorável capacidade dos afetos de influenciar o contato que temos com o mundo em um nível fundamental. Deste modo, temos a explicitação de como os objetos e os estados de coisas em geral são marcados, por meio da constituição subjetiva dos atos de consciência, por caracteres de ordem afetiva.

Por fim, para melhor compreender o sentido e a possível utilidade das investigações de Edmund Husserl sobre as vivências da esfera afetiva, cabe expor, em acordo com Quepons (2013), que as distinções realizadas são de caráter analítico. Consequentemente, não podemos esquecer que na vida concreta não vivemos estados afetivos puros, senão que estamos sempre em alguma disposição ou direção afetiva, que nos implica, em maior ou menor medida, de modo complexo. A tarefa da Fenomenologia da vida afetiva, nesse sentido, é a de distinguir entre as diversas atividades intencionais e suas funções constitutivas correspondentes, bem como delimitar seu sentido e expressão específica no todo das vivências que constituem o nosso mundo e a nós mesmos.

Referências

BASTOS, M. C. “**Emoção e cognição**”: questões a partir de duas perspectivas. 1991. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1991.

BUYTENDIJK, F. J. J. Husserl's Phenomenology and its significance for Contemporary Psychology. In: Kockelmans, J. J. (Org.). **Phenomenological Psychology: The Dutch School**. Phaenomenologica 103. Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers, 1987, p. 31-44.

DEPRAZ, N. **Compreender Husserl**. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

DEPRAZ, N. Delimitación de la emoción: acercamiento a una fenomenología del corazón. **Investigaciones fenomenológicas**, Madrid, v. 9, p. 39-68, 2012.

EMBREE, L. **Análise Reflexiva**: uma primeira introdução na investigação fenomenológica. Romania: Zeta Books, 2011.

ESCUADERO, J. A. La actualidad de la fenomenología husserliana: superación de viejos tópicos y apertura de nuevos campos de exploración. **Eidos**, Colômbia, v. 18, p. 12-45, 2013.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOTO, T. A. **A (re) constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl**. 2007. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2007.

GOTO, T. A. **Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Paulus, 2008.

HUSSERL, E. **Invitación a la fenomenología**. Buenos Aires: Paidós, 1992.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas: segundo volume, parte I: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

HUSSERL, E. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. São Paulo: Idéias & Letras, 2006 (Obra original publicada em 1913).

KOCKELMANS, J. J. Husserl's Original View on Phenomenological Psychology. In: KOCKELMANS, J. J (Org.). **Phenomenological Psychology: The Dutch School**. *Phaenomenologica* 103. Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers, 1987, p. 3-30.

KRECH, D.; CRUTCHFIELD, R. S. **Elementos de Psicologia**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1980.

LEE, N.-I. Edmund Husserl's Phenomenology of Mood. In: DEPRAZ, N.; ZAHAVI, D. (Orgs.) **Alterity and facticity: new perspectives on Husserl**. *Phaenomenologica* 148. Dordrecht: Springer, 1998, p. 103-121.

LIMA, A. C. R. **Algumas aproximações do modelo cognitivo das emoções de Aaron T. Beck com a filosofia, a biologia evolutiva e as neurociências**. 1982. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 1982.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007.

MATLIN, M. W. **Psicologia Cognitiva**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

MORAES, M. O gestaltismo e o retorno à experiência psicológica. In: JACÓ-VILELA, A. M; FERREIRA, A. A. L. & PORTUGAL, F. T. (Orgs.) **História da Psicologia: rumos e percursos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2007, p. 301-318.

RABANAQUE, L. R. Hyle, Genesis and Noema. **Husserl Studies**, Chicago, v. 19, p. 205-215, 2003.

QUEPONS, I. Nostalgia y anhelo: contribución a su esclarecimiento fenomenológico. **Open Insight**, Querétaro, v. 4, n. 5, p. 117-145, 2013.

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. 11. ed. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SCHUTZ, G. Origen y radicalización de la fenomenología de los estados de ánimo: Husserl y Heidegger. **Contribuciones desde Coatepepe**, Cidade do México, v. 1, n. 11, p. 11-39, 2006.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2012.

SZILASI, W. **Introducción a la fenomenología de Husserl**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

ZAHAVI, D. **Husserl's Phenomenology**. Stanford: Stanford University Press, 2003.